

Baleias e Golfinhos Sob Mira

A Baleação e Outras Capturas em Portugal

Francisco Reiner e Cristina Brito

Introdução

A baleação ou caça ativa de baleias é uma atividade presente nas culturas humanas espalhadas por todo o mundo desde os tempos pré-históricos. Na verdade, desde que existem comunidades humanas costeiras a viver de forma sedentária na proximidade do mar, existem eventos, ainda que esporádicos ou oportunistas, de caça à baleia.

As mais antigas evidências da presença de baleias na história do Homem conduzem-nos aos mais antigos registos de baleação, há seis mil anos atrás no Alasca e a cerca de quatro mil anos atrás na Noruega, através de desenhos e pinturas rupestres encontrados em grutas. É muito provável que as antigas comunidades humanas, que habitavam estas regiões, se servissem da carne e do óleo destes grandes animais. No entanto, isto deveria acontecer apenas quando encontravam um exemplar morto arrojado à costa. Assim, a abundância de baleias nas regiões Árticas, durante o período do verão, deve ter levado o homem a pensar em formas de as capturar sem ter que esperar que estas chegassem aos seus acampamentos. Os primeiros caçadores de baleias, usando pequenas embarcações e diversos tipos de lanças e arpões, produzidos manualmente, começaram a perseguir as espécies mais costeiras, que se deslocavam lentamente e que flutuavam depois de mortas—estas eram as “*baleias certas*”, *right whales*. Na Península Ibérica, vestígios arqueológicos indicam que, desde que se estabeleceram humanos em comunidades costeiras, havia a exploração de mamíferos marinhos.

A documentação sobre caça à baleia em Portugal mostra que esta é uma atividade tão antiga quanto a própria nação. Mas, na realidade, os Bascos (Espanha) foram os primeiros a dominar a indústria baleeira, que se prolongou quase até aos nossos dias. Desde o seu início, e até à sua proibição no século XX, as capturas de baleias

desempenharam para as comunidades da Península Ibérica, bem como para as suas ilhas, um papel importante em termos económicos, sociais, culturais, políticos, técnicos e científicos. Os estudos indicam que, desde a altura em que os Bascos começaram a capturar baleias de forma organizada, também esta indústria se desenvolveu em Portugal. A Península Ibérica surge, portanto, como o local mais antigo do mundo ocidental onde se desenvolveu de forma determinada uma indústria baleeira. Esta caça primitiva era realizada pelos marinheiros das populações costeiras do País Basco, tanto na atual costa francesa como espanhola, de modo contínuo desde o século XI. As baleias eram capturadas de forma recorrente no Golfo da Biscaia e estes baleeiros estavam preparados e equipados para se lançarem ao mar aberto na perseguição do grande gigante.

Apontamentos sobre a baleação em Portugal

Ainda muito antes deste período, os povos da antiga Lusitânia terão aproveitado todos os cetáceos que davam à costa. Por exemplo, Estrabão (65/34 a.C. a d.C. 25), fez referência à qualidade do âmbar encontrado na baía de Setúbal, a que chamavam a “baía do âmbar”. A pesca da baleia e de outros cetáceos, na Turdetânea, região que abrangia o Algarve, era também já mencionada por Estrabão. O âmbar cinzento de cachalote foi procurado pelos árabes nesta região, a província mais meridional de Portugal, sendo, desde logo, um produto de elevado valor económico.

Mas é só a partir dos séculos XII e XIII que começam a ser referidas, cada vez com mais frequência, a utilização e as capturas dos grandes cetáceos nas costas portuguesas (Figura 1). Por exemplo, as Inquirições de 1258 indicam que “*os de Lordelo pagavam ao Rei tributos da baleia e outros cetáceos*”. A renda atingia metade da produção e já vigorava no reinado de D. Sancho I, ou seja, no último quartel do século XII. Segundo as Inquirições de 1284, a baleia era um dos *peixes reais* em Ovar. D. Afonso III e D. Diniz retêm para a coroa as baleações existentes, nos forais concedidos a Silves (Agosto de 1266), Loulé, Faro, Tavira (1266 e 1279),

Aljezur (12/6/1280), Castro Marim (8/7/1266 e 12/5/1282), Cacela /17/7/1283), Porches (20/8/1286), e na doação do castelo de Albufeira ao Mestre da Ordem de Aviz (11/3/1260). Em carta de 1/9/1352, enviada ao Concelho de Tavira, D. Afonso IV, menciona a morte de baleias em Porto Novo, onde afluíam almocreves, para as comprarem a troco de trigo.

Surgem igualmente referências para a zona da Atouguia da Baleia e do Baleal no decorrer de vários séculos. Algumas citações são exemplo disso: «*Mais tarde, no século XIV, o Baleal conservava-se como um dos locais aproveitados para o talho das baleias e outros peixes semelhantes a estes, sendo nesta zona capturados pelos pescadores atouguienses*». «*(...) por el-rei D. Manuel, foram doadas as ilhas (...) e as dízimas do pescado numa légua em redor destas ilhas, onde se incluía tanto o peixe como as baleias.*»

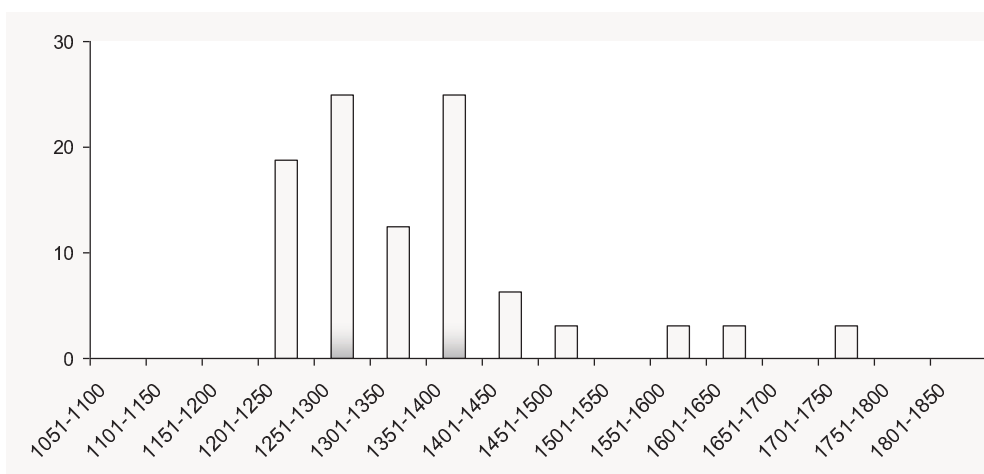


Figura 1 - Distribuição da percentagem de fontes escritas relacionadas com operações de baleação em Portugal Continental ao longo do tempo (períodos de 50 anos começando em 1051 e terminando em 1850), para um total de 32 referências.

Mais tarde, na época dos descobrimentos Atlânticos, a baleação em Portugal encontrava-se em declínio, dizia-se que pelo facto de as migrações de cetáceos serem menos frequentes junto às costas portuguesas. É preciso notar, no entanto, que a procura de novos mundos necessitava de marinheiros que tiveram de ser

deslocados para o espaço Atlântico, deixando as costas continentais certamente despovoadas dos seus especializados baleeiros. Durante o período das viagens marítimas portuguesas de exploração do Atlântico, a pesca era uma parte importante da vida diária e de entre as espécies marinhas pescadas incluíam-se várias espécies de baleias. Com a descoberta de novas terras e novos mares, a importância da indústria baleeira para Portugal, transferiu-se da Nação para outros locais, como o Brasil e as ilhas Atlânticas. Mas hoje, decorridos vários séculos, a toponímia ainda evoca a baleação: Atougua da Baleia, cuja cobertura da igreja



matriz de S. Leonardo parece ter sido suportada por mandíbulas ou costelas de baleias, que foram retiradas por altura da intervenção na cobertura e das quais se encontra um exemplar ao nível do pavimento junto à porta da entrada (Figura 2).

Figura 2 - Osso da baleia (mandíbula) no interior da igreja Matriz de S. Leonardo na Atougua da Baleia. Fotografia de Cristina Brito.

Capturas históricas no Atlântico português

Reza a crónica que ao longo do ano de 1602, o Capitão Pêro de Urecha e um grupo de biscainhos, introduziram técnicas baleeiras no Recôncavo Baiano e iniciaram portugueses e brasileiros na pesca da baleia. Regressaram depois à pátria, amplamente favorecidos pelo Governador Diogo Botelho, com vultuoso carregamento de produtos da pesca e lá voltariam nos anos seguintes. As armações foram surgindo ao longo da costa brasileira durante o século XVII e em 1612 já são conhecidos valores do azeite em mercado. Em 1765 são também conhecidas exportações para Castela (Espanha) e Portugal e em 1787 a ilha Terceira recebe azeite do Brasil, e a ilha do Faial recebe um carregamento no ano de 1802. Antes de meados do século XVIII, a baleação já se havia estendido da Baía até ao Estado do Rio Grande do Sul e ilha de Santa Catarina.

No Brasil desenvolveu-se, portanto, uma atividade baleeira importante a partir dos primeiros anos do século XVII, conforme refere Myriam Ellis no seu trabalho. De Maio a Julho, os cetáceos afluíam em grande número às enseadas do litoral brasileiro, sobretudo à Baía de Todos-os-Santos. Aqui se instalaram os grupos de homens do Golfo da Biscaia especializados na sua caça. Entre os produtos resultantes desta atividade, que eram comercializados com destino à Europa, destaca-se o óleo, a carne e as barbas das baleias. O óleo, normalmente referido como azeite de peixe, era o resultado da fusão da gordura dos animais e era comumente utilizado na iluminação ou na calafetagem de barcos. A sua carne era consumida fresca ou salgada, ainda que fosse considerada de inferior qualidade e pior sabor do que a de boi. A caça da baleia no Baía expandiu-se durante toda a primeira metade do século XVIII, chegando a capturar-se 200 animais por ano. Embora tenha continuado no decorrer do século XIX, declinou com alguma rapidez devido à sobreexploração dos recursos locais.

No ano de 1741, Nicolau Soares apresenta a primeira petição conhecida para estabelecer uma pequena indústria da baleia na ilha da Madeira. Por alvará de 2711/1792, Dona Maria I, rainha de Portugal, *“autoriza Tomaz Eduardo Watts e os seus sócios, o estabelecimento da Fábrica de Pescarias e Salinas, na Capitania do Estado da Madeira e praia chamada Formosa”* (Porto Santo). Mas só bastante mais tarde, em 1942, surge a criação da Empresa Baleeira do Arquipélago da Madeira (EBAM), localizada no Caniçal (ilha da Madeira), com materiais adquiridos à empresa baleeira cessante em Setúbal. Aqui, a caça atingiu o seu auge nos anos de 1959 e 1960, com o pleno funcionamento da sua fábrica e teve o seu final em 1981.

O aproveitamento de cetáceos arrojados às costas do Arquipélago dos Açores, remonta ao limiar do povoamento destas ilhas. Deve-se a Gaspar Fructuoso (1522-1591) o primeiro testemunho baleeiro quando, referindo-se à ilha de Santa Maria, escreveu: *“no ano de 1574 acharam os pescadores uma baleia morta onde se chama o mar do Ambrósio e por ser longe e estar só um batel, a não levaram para terra inteira, senão muitas postas dela, de que fizeram muito azeite”*. O autor refere ainda

que na mesma ilha: *“no ano seguinte encontraram três outros cetáceos: de um deles fizeram muito proveito e tiraram “ombro” (âmbar cinzento); um segundo para as bandas de Sant’Ana que rendeu 10 ou 12 pipas de azeite”*. Mais tarde, um ofício de 19 de Outubro de 1768, D. Antão de Almada, o Governador e Capitão General dos Açores, informa o Ministério do Reino, *“que a nação Inglesa “cruzara” todo o Verão à vista das mesmas costas com duzentas embarcações pequenas de um mastro fazendo regularmente a mesma pescaria de que extraíram não só muita quantidade deste género, mas muito especialmente espermacete e algum âmbar”*. Decorridos vários anos, o Capitão Anselmo Silveira Silva funda a primeira armação baleeira, denominada “Aliança Calhetense” (Pico) em 28 de Abril de 1876.

Assim se inicia um período longo de capturas de baleias nos Açores. Neste arquipélago, só em 1920 era constituído o Grémio dos Armadores da Pesca da Baleia. Em 1934, surge a primeira fábrica moderna, instalada em S. Vicente na ilha de S. Miguel. Com o fim da II Guerra Mundial, novas fábricas foram construídas na Horta, Santa Cruz das Flores e Lajes do Pico, a primeira em 1943, a segunda em 1946 e a terceira em 1949. A atividade findou em 1984.

Capturas recentes em Portugal

Um pouco ao longo de toda a história portuguesa, mas particularmente no século XX foi igualmente bastante frequente a captura de golfinhos ao longo de toda a costa continental. De forma não direcionada, mas antes marcadamente oportunista, eram capturados os abundantes golfinhos-comuns, bem como outras espécies de cetáceos como botos e também algumas grandes baleias.

De forma industrial, na costa de Sesimbra e Setúbal, a caça à baleia praticou-se entre 1925 e 1927, através da Sociedade Portuguesa de Pesca de Cetáceos, tendo depois recomeçado em 1944, altura em que se tencionava alargá-la à zona de Sagres. No entanto, só em 1947 é que volta a funcionar a empresa João Marcelino dos Reis Lda. tendo sido, durante este período, capturadas 283 baleias e 145 cachalotes. O último ano de baleação industrial em Portugal continental ocorreu em 1951 e num total de

10 anos de baleação no continente foram apenas capturados 1.170 indivíduos. Assim, foi na Madeira e nos Açores que esta atividade perdurou historicamente com impactos em termos económicos, sociais e culturais de grande intensidade. De igual forma, foram inúmeros e intensos os impactos nas populações naturais de cetáceos. No decorrer de 89 anos (1896 a 1987) de baleação costeira em Portugal (Figura 3), foram capturados um total de 29.180 indivíduos, dos quais 26.055 eram cachalotes (a larga maioria dos quais capturados nos Açores).



Pintura a óleo do século XIX retratando a captura de cachalotes nos Açores (Coleção particular).

Ao largo das costas atlânticas, onde a baleação foi ocorrendo de forma organizada, pelo menos desde os tempos medievais, observa-se uma cultura baleeira comum, fruto de um intercâmbio geográfico secular e do alastramento de um fenómeno económico e comercial. A pesca das baleias na Península Ibérica foi, sem dúvida, o ponto de partida para uma parte significativa da grande aventura transatlântica e de um fenómeno de globalização também suportado pelos descobrimentos portugueses. Os interesses económicos mantiveram-se até tarde no decorrer do século XX quando, interesses conservacionistas internacionais, mas principalmente a diminuição das populações naturais, conduziu à extinção da atividade baleeira costeira em Portugal. E então, desde 1987, quando o último cachalote foi capturado nos Açores, a relação humana com estes grandes animais marinhos baseia-se apenas na sua observação, estudo e conservação.

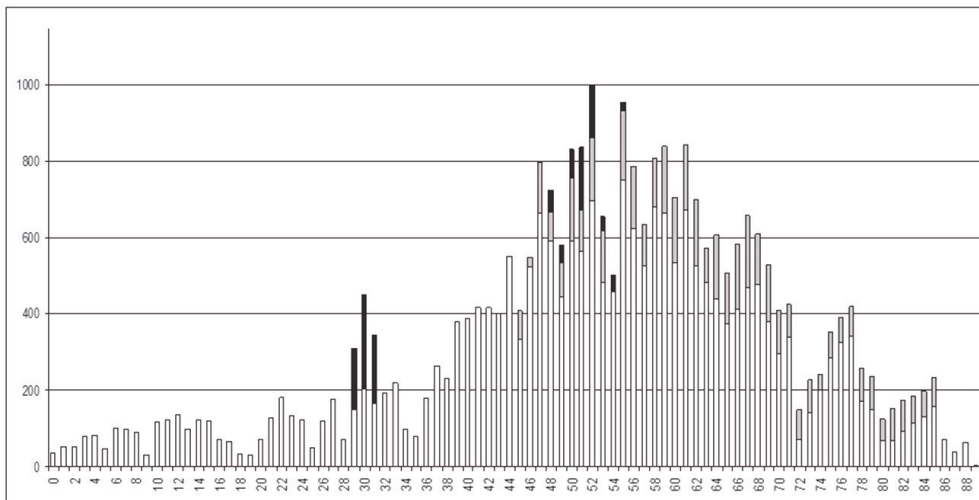


Figura 3 - Capturas totais de baleias em Portugal, durante 89 anos de baleação costeira, acumulando capturas dos Açores (barras brancas), Madeira (barras cinzentas) e do Continente (barras pretas).



Golfinhos-comuns capturados em Sesimbra e vendidos na lota na década de 1960 (Fonte: Arquivo Municipal de Sesimbra).

Bibliografia consultada

- Brito, C. 2011. Medieval and early modern whaling in Portugal. *Anthrozoos*, 24(3): 287-300.
- Brito, C. 2010. Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os séculos XV e XVIII: A evolução da ciência e do conhecimento. Dissertação de doutoramento em História (História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa). FCSH-UNL.
- Brito, C. 2008. Assessment of catch statistics during the land-based whaling in Portugal. *Marine Biodiversity Records*, 1: 92.
- Fructuoso, Gaspar. 1983. Livro Terceiro, "Saudades da Terra". Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Ellis, M. 1969. A Baleia no Brasil Colonial. Editora da Universidade de São Paulo: 235 pp.